



## ENTREVISTA COM FRANÇOIS RASTIER

Entrevista e tradução para o português:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima B. M. Batista  
UFPB/CNPq

---

1) M. Rastier, é uma grande honra para a *Acta Semiotica et Linguistica* entrevistá-lo neste momento. Poderia dizer-nos alguma coisa sobre sua atuação no grupo de estudos semióticos da *École de Hautes Etudes en Sciences Sociales* de Paris?

— Você me faz lembrar de tempos muito distantes. O pequeno grupo, criado por iniciativa de Greimas, compreendia menos de dez pessoas, muito diversas, e sua atividade principal era um Seminário, no qual eram discutidas apresentações de pesquisa. Minha primeira apresentação, no inverno de 1966, tratava dos códigos sensoriais nas poesias de Mallarmé. Tive o privilégio de ler *Semântica Estrutural* nas provas<sup>1</sup> e seu projeto de semântica textual nada perdeu do seu bom fundamento. A semiótica greimasiana desenvolveu-se, distanciando-se deste projeto inicial e, sobretudo, da linguística como, aliás, de outras disciplinas.

A semiótica, desde a fundação da Associação Internacional da Semiótica em 1969, não cessou de escrever e recriar sua história imediata, fazendo cada escola um instrumento de promoção. Mas esta história imediata toma, muitas vezes, um aspecto jornalístico e dispensa esforços epistemológicos necessários, como também, a revisitação das obras dos fundadores reconhecidos e proclamados, Saussure e Peirce para os contemporâneos. A semiótica teve muitos fundadores para tornar-se uma disciplina assegurada. Independentemente das questões acadêmicas ou bibliográficas, quais são seus principais teóricos, seus problemas científicos, suas metodologias descritivas, seus testes de validação, suas novas observáveis? Necessitada de esclarecimentos, ela poderia tornar-se um simples discurso de acompanhamento das mídias e das indústrias culturais. A

---

<sup>1</sup>Texto impresso tal qual saiu da composição [NdT].

televisão fala do cinema, o rádio fala da televisão, os blogs falam de tudo e, sobretudo, deles mesmos e fica-se dentro de uma bolha comunicacional da sociedade do espetáculo.

Por trás da oposição um pouco heráldica entre Saussure (linguista) e Peirce (filósofo e lógico) perfila-se uma questão fundamental: seria a semiótica derivada da filosofia da linguagem ou da ciência das línguas?

Em sua história, a semiótica sempre foi um ramo da filosofia e, mais precisamente, da lógica. Locke chama a lógica de *Semiótica*, os senhores de Port-Royal tratam a semiótica dentro de sua *Lógica* (e não dentro da gramática). Assim, em *Semiótica e filosofia da linguagem*, Eco reconstrói, sem dificuldade, os debates sobre as classificações antológicas de Porfírio a Tomás de Aquino e a Kant, utilizando suas próprias categorias, às vezes enriquecidas com as de Peirce. Esta tradição milenar continua hoje, embora a linguística histórica e comparada, formada no início do século XIX tenha largamente abandonado os problemas maiores (como a universalidade das categorias mentais, a referência, a classificação ontológica, o dualismo linguagem/pensamento, a categorização).

Um século após a formação da linguística, Saussure, com decisão, refletiu sobre a complexidade da situação nova, suscitada por seu desenvolvimento e formula o programa de uma semiologia, elaborada a partir daquela disciplina. No interior desta problemática, os sistemas de signo são evidentemente reconhecidos como formações culturais e não concretizações das categorias universais do espírito humano. A semiótica de inspiração saussuriana é assim uma semiótica das culturas, ao mesmo tempo histórica e comparativa. Em contrapartida, a filosofia da linguagem e a semiótica filosófica permanecem acrônicas (eu não disse anacrônicas) e universalizantes.

2) O senhor conheceu pessoalmente Greimas. Pode nos dizer alguma coisa sobre ele e a criação dos estudos semióticos que traz seu nome?

— Eu prossegui o programa da Semântica Estrutural e alguns disseram, não sem razão, que eu era mais greimasiano que o próprio Greimas. Para evitar as anedotas, eu lhes indico a leitura da tese do meu amigo Tom Broden (ainda inédita, infelizmente) e, sobretudo, a síntese geral sobre o homem e a obra que ele está tentando concluir e da qual, tive a honra de ler extratos.

3) Uma vez o senhor contou que Greimas, voltando do Egito, entrou em contato com Barthes. Poderia falar alguma coisa sobre esta relação Greimas-Barthes?

— Barthes e Greimas se conheceram em Alexandria. No seu retorno do Egito, Greimas tornou-se professor de linguística em Poitiers. Quando Barthes foi nomeado para a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais – EHESS, aconselhou Greimas para ali reencontrá-lo e este assim o fez. Depois das *Mythologies*, interessava a Barthes a semiótica como teoria descritiva da sociedade de consumo. Sua tese inacabada, *Sistema da Moda*, testemunha este fato. Depois de *S/Z* que ilustra a reflexão de Barthes sobre a narratividade e a literatura, seus percursos intelectuais divergiram notoriamente. Barthes considerava que a época do estruturalismo tinha se concluído e acompanhava de longe Derrida, Deleuze, Sollers, etc num pós estruturalismo ensaísta, crítico, no que diz respeito às ambições científicas.

Havia em Barthes uma urbanidade perfeita, uma melancolia vagamente episcopal que contrastava com as maneiras rudes que cultivava Greimas. Seus públicos diferiam. No grande seminário de Barthes, podiam-se admirar belos casacos de pele e sentir o aroma dos perfumes dos grandes costureiros cujos delicados eflúvios pareciam se elevar em homenagem ao autor do *Sistema da Moda*.

As relações entre as duas obras não foram, ainda, suficientemente estudadas. Parece-me que o *Maupassant* de Greimas responde à *S/Z*; que *Da Imperfeição* responde ao *Império dos Signos*, aparecido vinte e cinco anos antes: Greimas, aí, tenta rivalizar com o estilo florido de Barthes.

4) Atribui-se ao senhor a criação do quadrado semiótico que define, em forma de diagrama, a estrutura fundamental. Como foi criar a teoria junto com o M. Greimas e que idade o senhor tinha naquela época?

— Em 1968, o artigo *A interação das limitações semióticas* (assinado por Greimas e por mim) apresentava aquilo que foi nomeado em seguida como quadrado semiótico e elevado à dignidade de “modelo constitucional”. Foi muita honra para mim. Como nasci em 1945, eu vos deixo julgar se se trata de um erro de juventude. Colaborei com Greimas até 1972.

5) O senhor também conviveu com Pottier. Na visão do senhor, qual a importância de Pottier para os estudos da enunciação?

— Pottier foi o orientador de minha tese de doutorado de estado. Sua concisão e originalidade não são sempre compreendidas, mas ele é um linguista de primeira linha, de uma fecundidade de pensamento notável e cujas contribuições se estendem não apenas à romanística, mas as línguas ameríndias. Sua teoria da enunciação deriva da tradição de Guillaume, cognitiva antes de tudo.

Fiz uma relação entre Langacker e Pottier em 1985. Verdadeiramente, Langacker já devia a Pottier uma boa parte de sua teoria, aí compreendida sua metalinguagem gráfica (já elaborada na *Sistemática dos elementos de relação*, em 1962) que ultrapassa as pesquisas sobre as preposições, elaboradas em semântica cognitiva três decênios mais tarde.

6) Para mim, foi muito importante trabalhar com o senhor durante o Pós- Doutorado. Fui encaminhada para o senhor por Cidmar Pais de cuja banca de doutorado *ès-lettres* o senhor participou. Como foi essa experiência para o senhor?

— Cidmar era um teórico imaginativo e apaixonado, na linha de Pottier. Eu já o havia encontrado muitas vezes em São Paulo, mas esta defesa em Paris foi intelectualmente festiva.

7) É verdade que o senhor organizou a primeira publicação dos *Prolegômenos* de Hjelmslev na França? O que foi para o senhor esta experiência? Hjelmslev, realmente, menciona em alguns de seus trabalhos, os estudos pancrônicos?

— Em 1966, Greimas tinha publicado *Le Langage*, excelente livro de introdução. Em 1968, as edições de Minuit editaram uma tradução (um tanto imprecisa) dos *Prolegômenos*. Não foi senão posteriormente que eu editei (em 1971) os *Ensaaios Linguísticos*, seguidos em 1985, nas edições PUF, pelos *Novos Ensaaios*, recolha de minha composição que culmina com uma tradução do componente universal do *Resumo da teoria da linguagem*, obra maior, inacabada, da qual os *Prolegômenos* constituem o preâmbulo. Hjelmslev desenvolveu, a seu modo, a teoria saussuriana: a dualidade entre sincronia e diacronia o conduziu, naturalmente, a uma objetivação pancrônica das línguas e de outros sistemas semióticos.

8) Li em algum lugar que todas as ciências sociais têm uma vocação semiótica. Pode dizer alguma coisa sobre o assunto?

— As ciências sociais descrevem objetos e performances culturais: as línguas, as instituições, as práticas sociais, as artes etc. Definiram-nas, na Alemanha, como 'ciências do espírito' (*Geist*), o que me parece muito idealista. Ciências humanas ou ciências sociais? Eu prefiro falar em *ciências da cultura* (este é um calque do termo alemão *Kulturwissenschaften*). A semiótica não parece uma disciplina entre outras e seria talvez, um erro, em 1969, disciplinarizá-la com a ambição de fazer um setor acadêmico autônomo. Esta ambição, aliás, não foi concretizada. As ciências sociais procuram definir suas especificidades e se arriscam fortemente a serem divididas, sem resíduos, entre ciências cognitivas e as ciências da comunicação, ao custo, ou de uma redução de sua complexidade pelo determinismo genético, ou de uma diluição no seu rumo midiático. As instâncias de decisão não aceitam, absolutamente, seu ponto de vista crítico, seu interesse pelas descrições qualitativas (e não apenas quantitativas), sua reticência em relação ao seu cepticismo, apesar do modelo técnico-científico que gostariam de impor-lhe. A semiótica tem vocações aparentemente contraditórias. Uma introdução seria bem útil no início dos estudos superiores. Mas de outra parte uma especialização disciplinar parece necessária (em linguística, sociologia, história, etc)

para evitar a criação de uma “tudologia”<sup>2</sup> uma disciplina que se autoriza a falar de tudo. Em fim de cursos uma opção de semiótica poderia ser aberta após o doutorado, como no passado a hermenêutica era reservada aos doutores, ou como hoje a psicanálise (não lacaniana) é uma opção no fim dos estudos de psiquiatria. Esta questão permanece, naturalmente, aberta, mas uma descompartimentalização parece necessária para que a semiótica se confronte com as exigências muitas vezes superiores de outras disciplinas para fora de sua vida interior, confortavelmente mais confinada.

**9)** Que diferença o senhor considera entre linguística e semiótica e o que pode nos dizer sobre os debates entre semioticistas e semiólogos?

— A linguística é a semiótica das línguas, ao lado de outras semióticas como a semiótica das imagens, a da música, a da pintura, etc. Não vejo necessidade para construir uma semiótica das línguas ou semiolinguística que serviria para outra coisa que não a linguística, uma semiótica das imagens que não se confundisse com iconologia, uma semiótica da música, independente da musicologia. Isto seria uma inútil fonte de confusão.

Quanto aos debates, eu não me arriscaria a considerá-los, uma vez que não há distinção entre semioticistas e semiólogos. Às vezes, emprega-se o termo *semiologia* por influência de Barthes, que fez estudos com base em Renault, mas você sabe que desde o final dos anos 60, por decisão da Associação Internacional de Semiótica, o termo *semiótica* prevaleceu. Diz-se que foi em homenagem a Locke.

**10)** Posso dizer que os estudos lexicográficos estão inseridos dentro da Semiótica das Culturas?

— A lexicologia faz parte da linguística descritiva, mas a lexicografia não é senão um domínio da linguística aplicada. Um dicionário se for útil, não pode pretender representar o funcionamento efetivo do léxico nos textos. Bem entendido, a lexicologia põe em relevo a semiótica das línguas. Assim, foi pelo viés da lexicologia que Greimas veio a desenvolver seu projeto semiótico.

---

<sup>2</sup> É um neologismo que o autor criou, adaptado da palavra *tuttologia* empregada por Eco.

**11)** O Senhor considera a *Semântica Interpretativa* uma linha de estudos semióticos?

— Verdaderamente o estudo das línguas é uma das subdivisões da semiótica. Certos semioticistas parecem duvidar, eu ignoro as razões.

**12)** Às vezes, o senhor chama a Semiótica das Culturas de Antropologia Semiótica. Poderia dizer alguma coisa sobre o assunto?

— A Linguística histórica e comparada foi criada como parte de um projeto antropológico geral, do qual Humboldt foi um eminente iniciador e que articula o universalismo das Luzes com a descrição sistemática das particularidades. Em sentido mais amplo, a antropologia semiótica reúne tudo aquilo que não é antropologia física e biologia humana. No sentido mais preciso e mais técnico, a reflexão sobre as propriedades que caracterizam as línguas (em contraste com os sistemas de comunicação dos animais) permite proporcionar princípios gerais como a estruturação do universo semiótico humano em três zonas antrópicas (identitária, proximal, distal). A possibilidade de evocar e de tratar objetos ausentes permite estabelecer e delimitar a zona distal<sup>3</sup>. É necessário detalhar também os problemas da transmissão (que ultrapassa, evidentemente, a comunicação), a dívida simbólica, a antropologia do dom e da troca aplicada às performances semióticas. As especificidades das línguas humanas interessam à prosódia, às substâncias e formas semânticas e expressivas, à textualidade e intertextualidade, à semiose. Em suma, as dicotomias saussurianas são próprias das línguas. Certamente, entre algumas espécies de macacos como o mono de Campbell<sup>4</sup>, encontram-se uma morfologia e uma sintaxe rudimentares que combinam sinais de alerta, mas como dizia Peter Gärdenfors, ainda estamos à espera que Kanzi, o chimpanzé vedete, nos conte uma história ao redor de uma fogueira.

**13)** Quantos trabalhos o senhor já produziu sobre a semiótica das culturas?

— Este programa foi formulado no epílogo de *Sémantique et recherches cognitives* (1991). No entanto, depois, os critérios quantitativos me escapam tanto que certas

---

<sup>3</sup> O leitor curioso pode ainda referir-se a um programa publicado pela primeira vez em 2001 no *Jornal dos Antropólogos*, que foi traduzido e publicado em português por você.

<sup>4</sup> O mono de Campbell (*Cercopithecus campbelli*) é natural da África. Está presente em Gâmbia e em Gana [NdT].

pesquisas estão ainda inéditas ou a virem. Uma obra intitulada *O homem dos signos* está para vir, em 2014.

**14)** O senhor tem um trabalho intitulado “*As palavras sem as coisas*”. Posso dizer que este trabalho dialoga com “*Les mots et les choses*” de Foucault? Em que aspecto?

— Foucault não é mencionado neste trabalho por alguma negligência, mas o ano Foucault, proclamado em 2014 pelo trigésimo aniversário de seu desaparecimento atraiu, talvez, a atenção sobre a modesta crítica de filosofia da linguagem que se abre neste artigo. Estudei *As palavras e as coisas*, publicado em 1966, precisamente quando fazia minha tese sobre Destutt de Tracy (defendida em 1968 e publicada em 1971). Seu conhecimento da história das ideias linguísticas pareceu-me muitas vezes sumário, embora não se possa dizer que não seja positivo. O conceito amplo de *episteme* é muito simplificado para ser operatório. Eu havia começado a discuti-lo com Foucault em 1969 na universidade de Vincennes (ele ensinava no departamento de filosofia e eu, linguística, no departamento de literatura), mas ele estava sempre muito ocupado por diversas assembleias gerais e isto foi interrompido. Acredito que a linguística se beneficiaria se ultrapassasse as fronteiras da filosofia da linguagem que continua sua tradição milenar, com relação à referência, às categorias mentais, a seus correlatos gramaticais etc. O que se observa nos dois séculos de desenvolvimento da linguística histórica e comparada é que não foi possível ultrapassar problemas milenares lógico-gramaticais. Da mesma forma que a física fez caducar a filosofia da natureza, teríamos necessidade de uma filosofia da linguística para ultrapassar a filosofia da linguagem.

**15)** Monsieur Rastier, agradecemos esta fecunda entrevista que o senhor nos concedeu. As pesquisas que vimos realizando a partir da sua obra levaram-nos a considerá-lo como um dos maiores pensadores da atualidade que é, também, um grande humanista. Ao nos apresentar o homem inserido em um contexto sócio, histórico e cultural, faz-nos aceitar as diferenças e compreender que o outro é diferente de mim, mas, ao mesmo tempo, igual a mim. Agora, para concluir, gostaria de retomar uma questão que lhe foi

feita em outra entrevista<sup>5</sup> sobre a evolução de seus trabalhos e, ainda, sobre o que existe de originalidade em sua obra.

— Formulado, em meados dos anos 60, no quadro da linguística histórica e comparada “continental”, o programa de uma semântica do texto nada perdeu de sua necessidade e encontrou um novo vigor e novos meios com a linguística do *corpus*. Agora, podem-se anular as hipóteses e sair, enfim, do princípio do prazer. Se existe originalidade, esta deve seguir um caminho independente da filosofia da linguagem sem retomar a absurda tripartição entre sintaxe, semântica e pragmática e, por outro lado, aprofundar um nível de objetividade próprio, independente das problemáticas da cognição que ambicionam participação sem pausa no conjunto das ciências da cultura. Não segui modelos sucessivos e não procurei criá-los. A partir da semântica dos textos, desejo contribuir com a evolução da linguística do *corpus*, para o estudo dos textos literários, científicos e filosóficos. O colóquio que alguns semioticistas organizaram em Cerisy permitiu, sem dúvida, saber mais sobre uma agenda coletiva<sup>6</sup> que deixará um eventual saldo de precoce aspecto.

---

<sup>5</sup> Amir Biglari, éd., *Entretiens sémiotiques*, Limoges, Lambert-Lucas, à paraître.

<sup>6</sup> Ablali, D., Badir, S. et Ducart, D. éd. (2014) *Documents, textes, oeuvres — En hommage à François Rastier*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.